

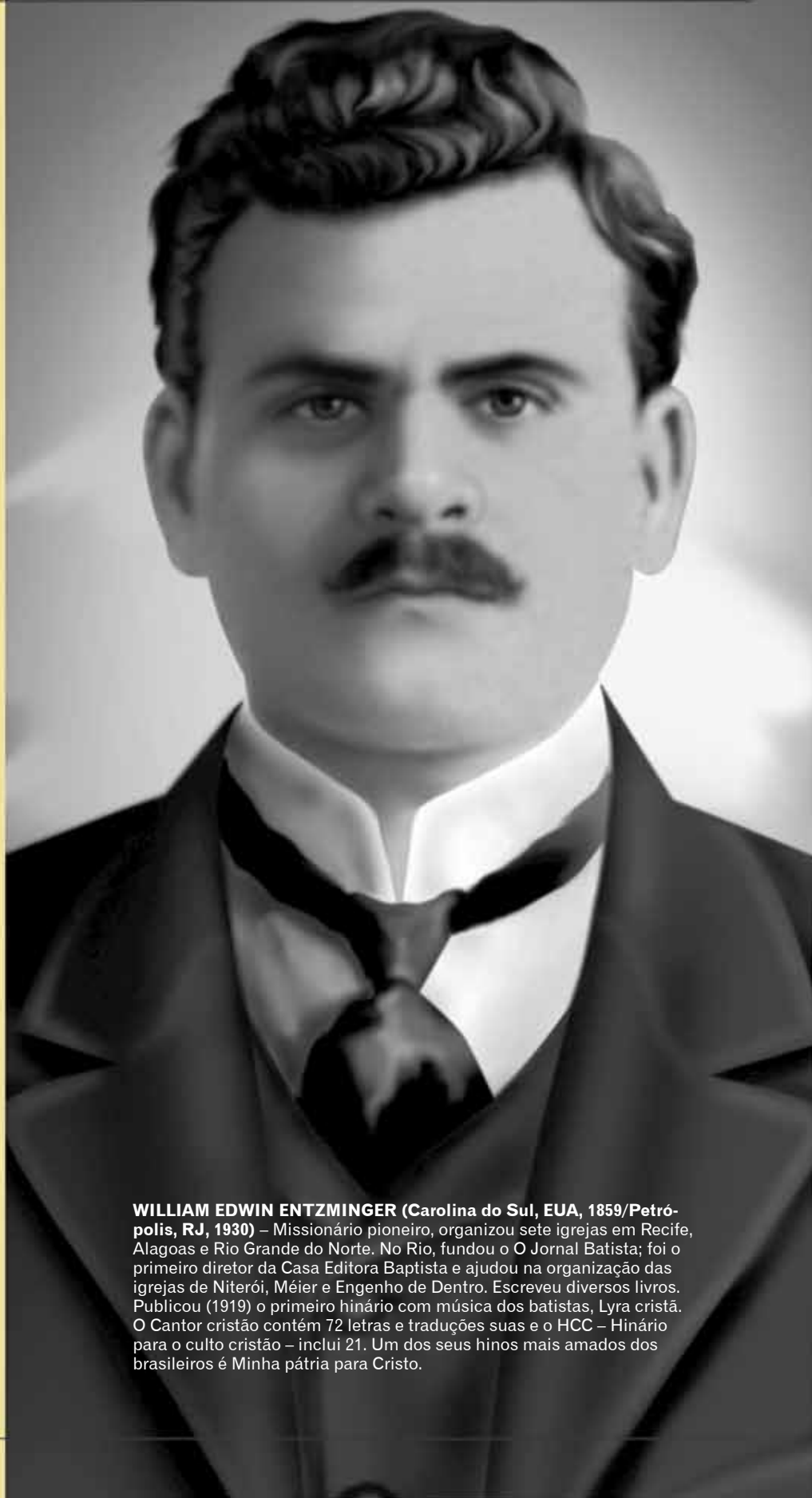


**ARTIGOS, ESTUDOS
E REPORTAGENS**

- 3 CONVERSA AFINADA**
Teatro musical – Voz e corpo
em equilíbrio
Anna Priscilla Lacerda
- 6 Teatro musical cristão**
Wanilton Mahfuz
- 9 Testemunho**
Diego Pombo da Silva
- 10 A força da unidade no
canto coral**
Levi Nogueira
- 27 Cultos natalinos com
encadeamento**
Westh Ney

SEÇÕES

- 2 PRELÚDIO**
- 14 NOTAS E NOTÍCIAS**
- 16 HINO DO MÊS**
- Outubro – É dom, é presente,
é graça de Deus**
Ricardo Agner
- Novembro – Bendirei em
todo tempo**
Ricardo Aigner
- Dezembro – Santo, puro
e doce amor**
Ricardo Aigner
- 20 REPERTÓRIO**
- Surgiu entre nós**
Ricardo Aigner
SCTB
- Tão pequena criança**
Ricardo Aigner
SCTB
- 28 ORDENS DE CULTO**
**Culto cristão – Definição
e estrutura**
Westh Ney



WILLIAM EDWIN ENTZMINGER (Carolina do Sul, EUA, 1859/Petrópolis, RJ, 1930) – Missionário pioneiro, organizou sete igrejas em Recife, Alagoas e Rio Grande do Norte. No Rio, fundou o O Jornal Batista; foi o primeiro diretor da Casa Editora Batista e ajudou na organização das igrejas de Niterói, Méier e Engenho de Dentro. Escreveu diversos livros. Publicou (1919) o primeiro hinário com música dos batistas, *Lyra cristã*. O *Cantor cristão* contém 72 letras e traduções suas e o *HCC – Hinário para o culto cristão* – inclui 21. Um dos seus hinos mais amados dos brasileiros é *Minha pátria para Cristo*.

*“Em cada manhã receber a alegria
Na luz fulgurante do sol que levanta
No branco das nuvens no verde das plantas
No azul que nos cobre ao longo do dia
Viver pela fé, espalhar a esperança
E todo favor, toda graça trazer à lembrança
Os frutos da terra são meus e são seus
É dom, é presente, é graça de Deus”*

Muito bom chegar ao final do ano e ainda ter esperança de novos caminhos e o reconhecimento de que tudo que somos e temos vem da bondosa mão do Senhor. Sim – **É dom, é presente, é graça de Deus**. Este verso é de um dos três hinos e das duas músicas para coro anunciando o Natal do compositor e professor Ricardo Aigner, nosso permanente colaborador.

Na página 3, leremos sobre a voz, as nuances, a metodologia, os meandres e a jornada de uma ministra-professora-artista em um importante encontro do professor Aigner e sua ex-aluna Anna Priscilla Lacerda em uma **Conversa Afinada**. Anna Priscilla ressalta a importância do aquecimento vocal e isso deveria ser uma prática incluída na rotina de todo cantor, principalmente antes das atividades musicais nas igrejas, aquecendo a voz dos backing vocals e grupos corais. O aquecimento prepara a musculatura para o canto, deixando-a flexível, disponível para o repertório que será executado. Ele otimiza para o canto, o instrumento mais precioso que ganhamos do Criador, a nossa voz.

Wanilton Mafuz (p. 6) fez um recorte em sua monografia de mestrado abordando o tema **teatro musical cristão**. Diz ele: “(...) é possível realizar musicais de maneira mais enxuta, utilizando a criatividade para os cenários, figurinos e demais elementos necessários (...) Gosto de pensar no conceito desenvolvido por Rory Noland em seu livro *O Coração do Artista*: “excelência é fazermos o melhor que podemos com os recursos disponíveis.”

Em **Testemunho** (p. 9), Diego Pombo narra a experiência do intercâmbio cultural – música nas igrejas dos EUA com alunos do Seminário do Sul.

Coro tem sido uma ferramenta musical em que o maior número de pessoas podem ser alcançadas e assim realizar um ministério de comunhão e alegria nas igrejas, escolas, comunidades, empresas etc. O MM Levi Nogueira, no seu artigo (p. 10) **A força da unidade no canto coral**, traz a sua experiência de cantar com diversas gerações propondo essa experiência “(...) como um grande suporte para quebrar as barreiras geracionais nos cultos coletivos. **Cultos natalinos** com encadeamentos, na página 27, será uma oportuna ferramenta que poderá auxiliar os que constroem liturgias, trazendo inspiração também para mensagens natalinas.

Na seção **Ordem de culto**, a prof^a Westh Ney R. Luz apresenta um documento escrito por ela e publicado na série Documentos batistas, 2011, com o título Culto e adoração, com correções e adaptações.

Na página 32, temos um sermão segmentado com base em Isaías 6. *O culto (...) é para Deus, feito por pessoas que diferentes, mas resgatadas e unidas pelo amor de Deus, desejam crescer na comunhão uns com os outros e com o Senhor*. Além de não esquecer que a obra redentora de Cristo deve ser enfatizada em cada culto de uma igreja cristã.

Com a segunda estrofe do hino do mês de outubro de Ricardo Aigner, declaramos testemunhando que:

*O Reino bendito, de paz e justiça
Está em nós mesmos, é só dividir
É compartilhar o presente, o porvir
Cessar o egoísmo, dar fim à cobiça
O santo evangelho é luz e poder
Jesus, a Palavra da vida, transforma o viver
Deixar encarnar a beleza dos céus
É dom, é presente, é graça de Deus.*

Louvor

ISSN 1984-8676

Literatura Batista
Ano 41 • Vol. 4 • Nº 157

LOUVOR é uma revista destinada aos ministros e diretores de música, estudantes de Música Sacra, professores, regentes, pianistas, organistas, coristas, instrumentistas em geral, pastores, comissão de música, grupos musicais e todos aqueles interessados no programa de música e adoração da igreja local. Inclui matérias de técnica musical, reportagens, artigos inspirativos e partituras sacras. Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não expressam necessariamente a opinião da Redação

Copyright © Convicção Editora
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação de fonte

Publicado com autorização
por Convicção Editora
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

ENDEREÇOS
Caixa Postal, 13333 – CEP 20270-972
Rio de Janeiro, RJ
Telegráfico – BATISTAS



EDITOR
Sócrates Oliveira de Souza

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Solange Cardoso de Abreu d'Almeida
(RP/16897)

REDAÇÃO
Westh Ney Rodrigues Luz

DESIGN
Marcelo Leiroz Pinto (malepi)

PRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Convicção Editora
Tel. (21) 2157-5567
Rua José Higino, 416
Prédio 16 – Sala 2 – 1º Andar
Tijuca – Rio de Janeiro, RJ
CEP 20510-412
literatura@conviccaoeditora.com.br

CONVERSA AFINADA

TEATRO MUSICAL

VOZ E CORPO EM EQUILÍBRIO



Anna Priscilla Lacerda é paulista, cristã, vocacionada para servir a Deus com música, cantora, professora de canto e preparadora vocal para teatro musical. Foi estimulada por sua mãe e apoiada por sua tia. Depois de muita caminhada chegou ao Seminário do Sul, consciente de seu chamado – servir a Deus e às pessoas. No meio da jornada, assumiu o ministério de música na Igreja Batista do Engenho Novo. E, agora, serve ao Senhor cuidando de pessoas em um trabalho fora da igreja, sendo luz.

RL: Fale de sua chegada ao Seminário.

ANNA PRISCILLA: Vi muitas possibilidades, como o estudo da regência, harmonia, contraponto, piano, violão, flauta doce. Tive professores que marcaram minha vida. Algumas questões fisiológicas ligadas a tensões musculares me impediram de cantar, durante um semestre. Foi um momento triste, quando eu tive que me silenciar. Vivi esse período com uma perspectiva de fé, pensando que aquilo me serviria

de aprendizado para algum momento na minha vida. Então me dediquei ao piano e fui muito feliz com as professoras Claudiane Barros e Stela Júnia, que despertaram uma paixão pelo instrumento, o que me deu suporte para servir na Igreja Batista Bom Retiro, por cinco anos.

RL: Então, não demorou para que você assumisse o ministério de música numa igreja?

ANNA PRISCILLA: Trabalhei na igreja entre 2010 e 2014, com coro infantil, coro misto, equipe de louvor e ministério de dança. Também apoiei o meu marido, Felinto Pessoa, que conheci no Seminário, e veio trabalhar nessa mesma igreja como líder da juventude. Esse ministério foi muito importante para solidificar os ensinamentos na área da música e da gestão da música na igreja, e a professora Westh Ney foi essencial na minha vida, tornando-se uma amiga. Talvez, ela não saiba o quanto foi importante para minha visão de mundo e de ministério.

RL: Como se deu o início do processo da sua formação como cantora?

ANNA PRISCILLA: Minhas aulas de canto lírico se iniciaram com a prof^a Marluce Faria, no Seminário do Sul. Lá, tive aulas também com o prof. Rivelino de Aquino, participando com ele do projeto Coro na Bagagem. Em 2009, a prof^a Marluce me levou para ter aulas com a prof^a Dra. Mirna Rubim. Cheguei com muitas dúvidas, com cicatrizes das críticas e palavras duras que me foram ditas anterior-

mente. Ao final da primeira aula, a Dra. Mirna me disse: “Eu entendo você. Você já sofreu por umas questões fisiológicas. Acho que você é uma criança sentada no meio de uma sala, com vários brinquedos ao redor. Os brinquedos são os conhecimentos e os saberes que você tem. Mas você ainda não sabe como brincar. A sua laringe ainda não sabe o que fazer com esses conhecimentos”. Naquele momento, em lágrimas, fui entendendo o que ela estava dizendo. Ela me disse ainda: “Você tem uma voz grande, e vozes grandes dão trabalho. Mas saiba que um dia você será uma boa profissional, porque tem buscado com muita seriedade compreender algo que demanda tempo e paciência. Eu vou dar aula para você, eu vou caminhar com você. Você quer?” Eu vi isso como um carinho de Deus. Então, a partir de 2010, comecei minha caminhada com a Mirna. E foram três anos como sua aluna regular de canto lírico.

RL: Você iniciou e consolidou seus estudos em canto lírico. Como se deu essa “guinada” para a atuação no teatro musical?

ANNA PRISCILLA: A primeira vez que eu ouvi sobre a CAL (Casa de Artes Laranjeiras) foi com o professor Ricardo Aigner que, em uma de suas aulas no Seminário do Sul, falou sobre a importância e o prazer que ele tinha fazendo um curso livre de teatro. Ele compartilhava da importância de todo o artista de igreja, seja cantor ou instrumentista, na verdade, todo o ser humano ter uma experiência com o teatro, e que isso é libertador,

transformador. Isso aconteceu três anos antes de conhecer a Dra. Mirna Rubim. Finalmente, em 2013, ela me convidou para o primeiro curso de técnica vocal para teatro musical, na CAL, começando uma nova jornada na minha vida.

RL: Uma nova jornada significa que houve muitas mudanças. Cite algumas.

ANNA PRISCILLA: Em 2013, comecei a conciliar o ministério de música com a função de professora de canto e agora no Estúdio VOCE (voz, em latim), escola da Mirna Rubim. Aceitei com muita alegria, trabalhando com alunos iniciantes em canto e com atores “desafinados”. Em 2014, me tornei professora assistente da Dra. Mirna na CAL e, em 2016, professora titular do núcleo de teatro musical na Faculdade CAL. Hoje, não tenho dúvida de que sirvo ao Senhor por meio dessa profissão, lidando com artistas e alunos de todos os tipos, de muitas faixas etárias, todos com o mesmo sonho de estar no palco e dividir esta chama, o que me toca profundamente. A Dra. Mirna também me convidou para ser a preparadora vocal das montagens acadêmicas, que são realizadas há dez anos. Atuei nas três últimas montagens: “Sweeney Todd”, de Steven Sondheim, 2016; “Natasha, Pierre”; o Grande Cometa de 1812”, de Dave Malloy, 2017; e “A Lira dos 20 Anos”, adaptação de Paulo Cesar Coutinho, 2018.

RL: O que é, exatamente, o teatro musical?

ANNA PRISCILLA: É uma forma de teatro que exige muitos talentos e habilidades, e combina música, canto, dança e interpretação. Essa forma exige o desenvolvimento integral de um multiartista. O ator/cantor de teatro musical canta muitas horas por semana e a técnica vocal é essencial, pois previne e minimiza a fadiga vocal passível dessa alta demanda artística. O teatro musical também exige uma saúde vocal excelente, clareza de texto, boa emissão e articulação, boa projeção, postura, voz flexível e tessituras extremas para atender às exigências

cênicas de cada trabalho.

RL: E como ficou, durante a sua atuação como preparadora vocal na CAL, a sua atuação no ministério de música?

ANNA PRISCILLA: Após dois anos precisei optar entre as duas atividades. Foi muito difícil. Encerrei o ministério na igreja, com muita gratidão e alegria. Ali desenvolvi e consolidei tudo o que havia aprendido no Seminário do Sul. A cada semestre, quando nós trabalhamos com os alunos, o que fica dessa convivência é aquilo que nós fomos ensinados na igreja: tratar as pessoas com amor, com carinho e servindo.

RL: Você atende muitos alunos iniciantes e também alunos (alguns já atores) com problemas de afinação. Como é atender a esse público?

ANNA PRISCILLA: Em relação aos desafinados, sempre aparece a pergunta: “há uma solução para eles?” Bem, sempre acredito muito nos processos, na construção e na caminhada. Tive casos incríveis de afinação de pessoas que eram extremamente desafinadas e que, ao longo de alguns encontros, por meio de exercícios, motivação e muita repetição, obtiveram êxito. Tive alunos que eram médicos, atores, matemáticos, instrumentistas, e com cada um a gente vai se redescobrir. Cada caso é um caso. Assim como quando aprendemos a falar a nossa língua, com a música também acontece da mesma forma. A música é uma linguagem a ser aprendida, e quando se é aprendido na infância, tanto melhor. A maioria dessas pessoas ditas desafinadas não teve uma boa exposição musical na infância, nenhum parente instrumentista, não participou de um coro na infância, não recebeu muitos estímulos sonoros e musicais. Muitas vezes também o problema da desafinação é um problema de mecânica e não um problema auditivo.

RL: O que a preparadora de voz de teatro musical Anna Priscilla tem a dizer para a ministra de música Anna Priscilla? Houve algum tipo de conflito no exercício destas duas

funções, preparadora vocal de teatro e ministra de música?

ANNA PRISCILLA: Eu levei da igreja para o ambiente teatral a atitude flexível, longânima, paciente, de saber ouvir, cuidar. Levei do teatro para a igreja essa relação da voz com o corpo e a importância do texto (música a serviço do texto), e tentava fazer com que os nossos dirigentes de louvor entendessem que a voz e os instrumentos estão a serviço de algo maior, que é o nosso texto bíblico. Quando este passa a ter prioridade sobre o virtuosismo vocal e instrumental, o coração da congregação é preenchido, curado, tocado pelo que estamos fazendo. Recomendo como leitura essencial para todo artista cristão o livro “O coração do artista”, de Rory Noland. Ele diz que o artista precisa encontrar o público certo para o seu trabalho, e esse público pode não ser a igreja. Nem toda a obra artística vai se encaixar adequadamente ao culto cristão. Temos que usar os nossos dons tanto na igreja como fora dela, e o mercado precisa de mais artistas cristãos, músicos, atores, poetas, escritores, diretores, pintores; todos impactando a cultura em favor de Jesus Cristo. Ele diz também que Deus, por meio da igreja, está reconciliando para si um mundo perdido. A igreja precisa hoje de artistas, pessoas apaixonadas pelo poder da arte. A arte é um instrumento de transformação. A arte nos desperta para verdades, para mudanças. Eu entendi que precisava seguir esse caminho, ser essa artista, esse instrumento. Como preparadora vocal numa importante escola no Rio de Janeiro, estou ali cuidando de pessoas às vezes aflitas, que têm suas dúvidas, suas dores. Os artistas reagem a situações da vida de maneira diferente, em razão da sua sensibilidade diferenciada. Deus tem me usado ali para pastorear essas vidas.

RL: Quais desafios a função de preparadora vocal num ambiente artístico profissional apresenta?

ANNA PRISCILLA: Devemos buscar preparo em diversas áreas afins, principalmente porque a técnica vocal para o teatro musical é uma técnica

muito específica. Cantar é mais do que produzir som. O canto realmente está conectado a uma expressão emocional. Um som saudável é um som livre. Quem canta precisa conhecer a fisiologia vocal, conhecer o seu instrumento. Precisamos buscar uma garganta e um corpo livres, e sem essa liberdade é impossível dar expressão à voz cantada, e o professor de técnica vocal precisa estar sempre atualizado.

RL: Como o preparador vocal que atua na igreja pode incorporar as novas tendências estéticas e técnicas vindas não somente do teatro musical, mas também do mercado musical da grande mídia?

ANNA PRISCILLA: É interessante essa pergunta. Há quem diga que esse “paradigma” de canto é fomentado por programas como “The Voice”, seja uma herança bastarda do gospel (risos). As músicas dos filmes de animação, da Disney especialmente, também têm em comum com o canto gospel o virtuosismo vocal. Estes estilos têm algumas características vocais parecidas: um canto vigoroso, com muito domínio da muscularidade vocal e notas sustentadas nas maiores alturas. O que o difere do gospel são os incontáveis melismas que os cantores insistem em fazer e uma liberdade de performance. Infelizmente, nós importamos tudo isso sem filtrar e analisar devidamente. Nas escolas de canto, a procura de crianças por aulas particulares aumentou depois desses programas, e elas chegam querendo adquirir a melhor técnica para alcançarem o virtuosismo. E, infelizmente, elas não importam se isso é abusivo para elas. Existe uma tessitura a ser respeitada. Em nossas igrejas, nós estamos sofrendo cada vez mais com essa cultura do exagero, das acrobacias, dos melismas, estamos intoxicados. Não vou dizer que não aprecio esses estilos, também estudo essas técnicas, pois me tornei o que chamam de cantora crossover, que é um cantor com habilidade e plasticidade vocal para cantar vários estilos musicais respeitando suas estéticas. Mas nunca abri mão da máxima “menos é mais”. É esse o ponto de equilíbrio. O problema é quando



Anna Priscilla (centro “coelha”) no musical “A Canção da Momô” de Jean Charles

não há bom senso, equilíbrio, e não adaptamos o que recebemos às reais necessidades de nossas comunidades. Meu conselho para regentes e preparadores de igrejas é “examinai tudo e retende o que é bom”. Lembrem-se que o texto é mais importante que as 3.000 notas que querem que acreditemos que é bonito, necessário, um padrão a ser seguido como referência de boa música. Não é. Existem outros quesitos que não podem ser abandonados como: saber frasear, conduzir a música, manter a afinação, colocar sentimento e verdade, saber controlar a função respiratória, saber articular bem palavras, por exemplo. Cantar bem e ter uma boa técnica vocal também demanda tempo. O aluno precisa entender que esse tempo é o processo. Existe uma vida por trás da voz. Nós ensinamos pessoas e não laringes. Somos estimulados a buscar no aluno o aumento da sensibilidade, da expansão da sua consciência e da sua individualidade. O canto pode ser um processo de cura. Cantar é uma atividade que envolve o corpo todo e a gente procura nas aulas fazer exercícios com o canto e o corpo, integrando ações vocais e físicas.

RL: O preparo vocal na igreja se faz às vezes unicamente por meio dos exercícios de aquecimento, normalmente antes dos ensaios. Qual a importância desse momento?

ANNA PRISCILLA: Todo aquecimento tem uma função didática e deve ser feito de acordo com o repertório utilizado. A voz em coro precisa de mais cobertura, o que é essencial para

a timbragem. A voz para o cântico tem a cor mais aberta, mais próxima ao registro de fala. Cada vocalize tem a função de preparar a voz do cantor para o estilo que ele vai cantar. Todos precisam aquecer a voz, inclusive os pregadores e dirigentes de culto, que também são atletas da voz. Eles sabem que isso é importante, mas às vezes não é algo cultivado a ponto de se tornar um hábito.

RL: Servir às pessoas é a essência do ministério cristão em qualquer área. Fomos ensinados que ao dar de comer, de beber, ao visitar alguém com necessidade, estamos como que fazendo isso ao próprio Jesus. Então, ensinar alguém a se expressar musicalmente, conhecendo melhor o seu corpo, dando oportunidade para que as emoções se manifestem e sejam lapidadas, é um bem sublime. Todo ser humano deveria ter a oportunidade de se expressar artisticamente, promovendo a sua autoestima e a saúde emocional e corporal. A ministra de música Anna Priscilla Lacerda tem auxiliado muitas pessoas nesta caminhada, cuidando de vidas como quem cuidasse do próprio Jesus. “Amas-me? Pastoreie as minhas ovelhas” (Jo 21.15).

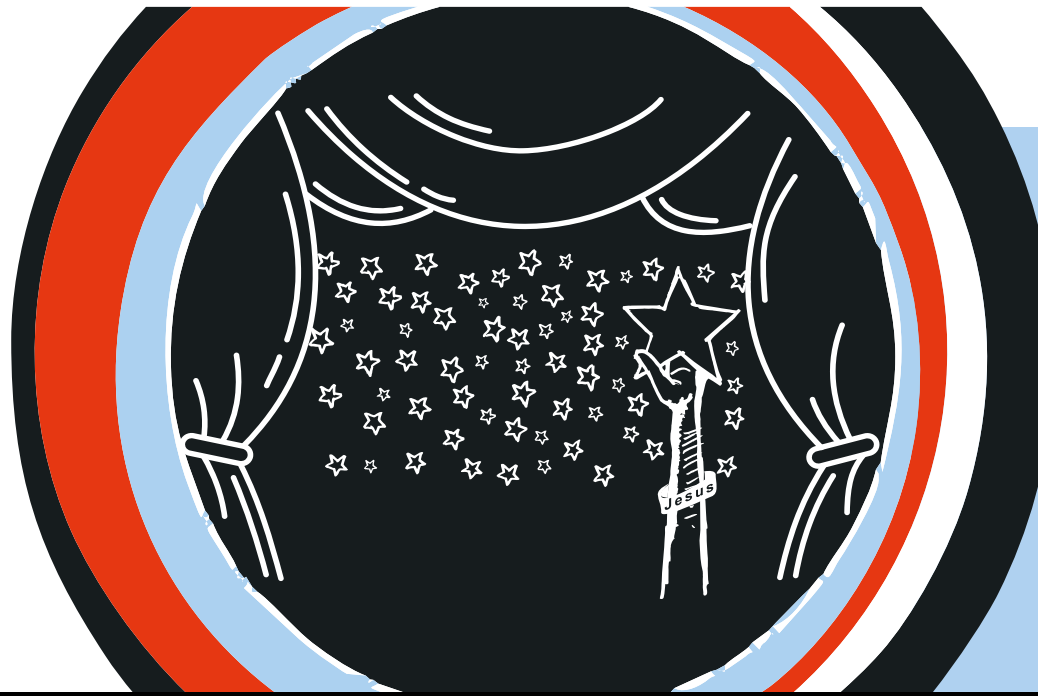


RICARDO AIGNER

Mestre em Música, na área de Estruturação Musical (Composição) pela UNIRIO. Professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro/Seminário do Sul e em escolas públicas de ensino fundamental e médio.

Teatro musical cristão

INSTRUMENTO DE INTEGRAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO



WANILTON MAHFUZ

Nos últimos anos, o Brasil tem ampliado de forma significativa a participação do teatro musical no cenário artístico. Os grandes musicais da Broadway têm sido encenados aqui com refinada produção e qualidade nas apresentações. O mercado de trabalho nessa área cresce e qualifica-se a cada ano, oferecendo oportunidades de trabalho e exigindo aperfeiçoamento constante. Obras consagradas mundialmente mesclam-se com produções locais que, frequentemente, homenageiam ou relembram personalidades da nossa história. Múltiplas possibilidades surgem a todo momento. Mas, o que é o teatro musical?

O teatro musical utiliza-se de várias linguagens artísticas para sua realização. As artes cênicas, a música (vocal, instrumental e incidental), a dança, a cenografia, a literatura (na adaptação ou feita dos roteiros) são as principais, destacando-se ainda o suporte técnico (sonoplastia, iluminação, figurino) que exigem qualidade, recursos e equipamentos cada vez melhores

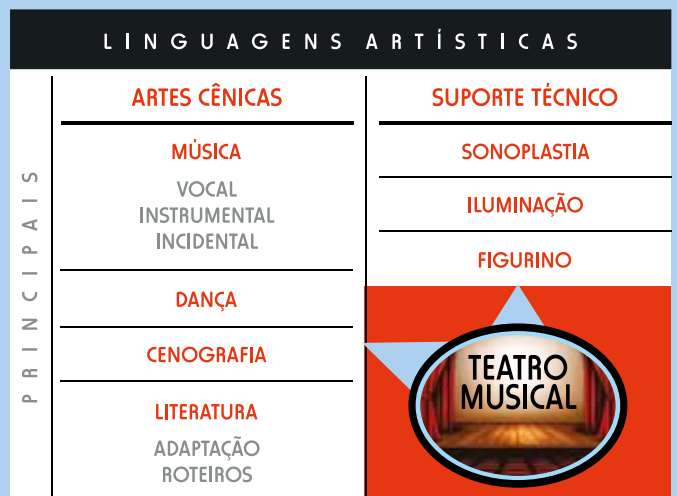
para reproduzir com fidelidade e realismo as tramas propostas.

O primeiro musical com o formato moderno de que se tem registro é *The Black Crook*, de Charles M. Barras, escrito em 1866. *The Black Crook* é considerado o marco, o início do teatro musical; antes dele havia só óperas. Mas o que o torna um musical e não uma peça convencional ou uma ópera? A combinação entre enredo, música e dança.

O teatro musical pode ser encaixado entre os dois gêneros mencionados acima. A ópera tem sua história contada principalmente por meio da música, e o teatro, por meio dos textos falados. Os musicais, por outro lado, são um meio termo que equilibra perfeitamente as duas coisas e acrescenta, como forma de enriquecimento, a dança. Musicais tendem a ser peças longas, a começar pelo seu marco inicial: *The Black Crook* tinha cinco horas de duração e, ainda

assim, hipnotizou plateias durante suas 474 apresentações. A receita para um espetáculo tão cativante é o perfeito equilíbrio entre rosto, corpo e voz. Além de ser, por si só, peças de enredos interessantes, os musicais botam à prova o talento de atores que, para impressionarem, têm que cumprir as três tarefas muito bem, não apenas cantar, dançar ou atuar.

Como podemos constatar, o teatro musical ampliou o campo de atuação da ópera, criando assim a figura do ator/cantor/dançarino. Quanto ao aspecto vocal, houve a necessidade de mudanças nas técnicas vocais utiliza-



das no canto lírico, pois elas não tinham como sua prioridade a perfeita dicção e compreensão do texto cantado, que são características essenciais do teatro musical. Afinal, existem musicais como *Ms. Saigon* em que os atores cantam todo o tempo, exigindo clareza nos diálogos cantados.

Por isso, surgiram novas técnicas, das quais se destaca o *belting singing*, trazido para o Brasil no início da década de 1990, que se destaca por incentivar a projeção frontal da voz. Atualmente, quase todos os preparadores vocais de atores cantores utilizam essa técnica, que tem resultados muito eficientes (<https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/39545/20133>).

A linguagem contagiante do teatro musical começou a ser utilizada no meio cristão norte-americano. Vários compositores começaram a fazer musicais com temáticas cristãs/bíblicas, expandindo a área de atuação das cantatas, que utilizavam apenas a música como linguagem preponderante. Essa tendência ampliou-se e hoje oferece inúmeras obras de excelente qualidade. Um dos excelentes centros de produção de musicais chama-se *Sight-Sound* (<https://www.sight-sound.com>), tendo sua sede localizada em Lancaster, Pensilvânia. Estive lá pela primeira vez em 2009 quando estava fazendo minha dissertação nessa área, e fiquei impressionado com a qualidade na produção e frequência nos espetáculos (3.500 pessoas em média por sessão), com claro enfoque missional.

Essa tendência chegou ao nosso país de maneira isolada a princípio. Iniciativas como o Grupo Emme, da Organização Palavra da Vida, foram pioneiras em demonstrar a eficácia da fusão de linguagens na evangelização. A PIB de São José dos Campos, com seus Autos de Páscoa, ampliou e fomentou a realização de projetos semelhantes.

Quando comecei a assistir musicais da Broadway fiquei impressionado com a qualidade das apresentações que levavam à plena compreensão das tramas propostas, nem sempre com valores éticos e amparados em princípios bíblicos. Assim, per-

cebi a vontade do Senhor para que eu redirecionasse meu ministério, substituindo a produção de cantatas por musicais cristãos. O início dessa nova fase foi em 2002 na IB Central de Campinas, SP, onde era Ministro de Música. O Musical *Tenha Fé* impactou a vida da comunidade por ser a primeira experiência de integração das artes, transmitindo o evangelho de maneira vívida e emocionante. Fizemos várias apresentações em teatros e igrejas, com inúmeras conversões e reconsações.

Nos anos que se seguiram, pude dirigir outros musicais e constatar como eles acabavam sendo ferramentas de evangelização e integração, o que me levou a pesquisar sobre isso, defendendo minha dissertação no STBSB em 2011, tendo como orientador o Dr. Nabor Nunes Filho.

Gostaria de destacar alguns aspectos dessa pesquisa que julgo serem relevantes para nossas igrejas. Quanto à evangelização, ficou claro que incorporar a linguagem cênica aumentou sobremaneira o nível de atenção dos espectadores, sobretudo dos convidados não cristãos. O objetivo dos musicais estilo Broadway, nas palavras de um de seus maiores compositores, Andrew Lloyd Webber, é contar boas histórias e fazer isso da maneira mais convincente possível. Nós, cristãos, temos a melhor mensagem a ser compartilhada, inúmeras histórias incríveis relatadas nas Escrituras, podemos e devemos fazer com a melhor qualidade possível.

O teatro musical cristão oferece, de maneira muito visível, a integração de toda a igreja nesses projetos. Quando fazemos peças que utilizam apenas a linguagem musical, incorremos em algumas situações. Uma delas é a de cercear a participação de pessoas por não terem a aptidão musical necessária (medida tecnicamente correta mas que pode trazer imagem antipática ao dirigente). Outra é o de permitir a participação de todos, ainda que desprovidos do talento exigido, por compaixão e constrangimento, por recusar essa participação. Ao ampliar as funções/atividades necessárias, damos oportunidade a inúmeras pessoas, que têm várias capacitações

e são igualmente importantes quando fazem o que sabem com qualidade e comprometimento. Afinal, somos o corpo de Cristo, e cada membro do corpo tem sua função. Aplicar esse princípio na produção dos musicais tem sido gratificante, pois descobrimos talentos incríveis em nossas comunidades que estão esperando apenas por projetos que os incluam.

Um aspecto a ser destacado é a necessidade de pessoas capacitadas para direção de cada área. A qualidade das produções está diretamente relacionada ao preparo adequado dos responsáveis. O nível de exigência dos espectadores tem se elevado nos últimos anos, e nossas produções cristãs devem ser feitas com máxima excelência, pois isso glorifica ao nosso Deus e traz relevância e reconhecimento do meio artístico, sendo muito eficazes na transmissão do evangelho a pessoas que têm muita resistência a abordagens tradicionais mas apreciam bons espetáculos e são alcançados pela mensagem da cruz de maneiras criativas e impactantes.

Podem existir profissionais capacitados em nossas igrejas, ou pessoas com experiência para dar suporte às produções, e que nem sempre são utilizados. Quando não os temos, devemos procurar cursos de formação nas diversas áreas artísticas, presenciais ou a distância. Fiz meu curso de graduação em regência orquestral no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e observava o contraste entre o grande número de alunos cristãos nos cursos na área musical e a quase inexistência desses alunos em outras áreas artísticas (teatro, dança etc). Isso ocorria pela falta de espaço em nossas igrejas para eles. O teatro musical cristão supre essa lacuna, oferecendo oportunidade de trabalho profissional e ministerial, mantendo todos conectados à igreja local, além de aumentar sensivelmente a qualidade das apresentações.

A princípio, esse ministério parece restrito a igrejas de grande porte, com muitos recursos humanos e materiais. De fato, estas têm mais condições para fazer trabalhos mais elaborados, mas é perfeitamente possível realizar



musicais de maneira mais enxuta, utilizando a criatividade para os cenários, figurinos e demais elementos necessários. Encontramos na internet sugestões interessantes, que podem viabilizar as apresentações. Gosto de pensar no conceito desenvolvido por Rory Noland em seu livro *O coração do artista* no capítulo Excelência X Perfeccionismo: “excelência é fazermos o melhor que podemos com os recursos disponíveis”.

Essa abertura a novas linguagens traz consigo riscos e, por causa desses alguns líderes evitam ou colocam restrições em realizá-la. Por exemplo, há o receio de que os participantes percam o foco do serviço cristão, dando lugar à vaidade e fascínio pelo glamour do palco. Esse é um risco real, que deve ser combatido com a prévia preparação espiritual do elenco, deixando bem claro que a arte sempre deve ser funcional a serviço do reino, e não um fim em si mesma. Quando começamos a trabalhar com musicais na IBCC, criamos uma classe de EBD onde estudamos o livro *“O coração do*

artista de Rory Noland, mencionado acima, de excelente conteúdo bíblico e prático. Isso levou os participantes a refletir sobre suas motivações, expor suas áreas a serem tratadas e trouxe unidade e consagração ao Senhor. Outro desafio é manter o grupo integrado à vida da igreja, cooperando em outras atividades, para não permitir a criação da categoria **Artistas de Jesus**, que só se envolvem com o que lhes é interessante.

Nos últimos anos tenho trabalhado como diretor musical, maestro e produtor de musicais na I. Presbiteriana Chácara Primavera, que tem sido apresentados no Teatro Municipal Castro Mendes, em Campinas, SP, terminando a programação de Natal do município. A visão do Pr. Ricardo Agreste é levar o evangelho de maneira bíblica, criativa, acessível e relevante. Os links ao lado são alguns deles. Somos testemunhas da grande quantidade de pessoas não cristãs alcançadas por meio dessas apresentações, além do grupo sempre crescente de membros da igreja participantes,

pelos seus variados dons e talentos. Podemos aplicar a exortação do salmista no Salmo 150: “Tudo quanto tem fôlego louve ao Senhor.” Que o objetivo supremo de nossas produções seja sempre louvar, engrandecer a Deus e transmitir com excelência e criatividade a mensagem da redenção em Cristo. A ele toda a glória.

MT. WANILTON MAHFUZ – Graduado em Regência Orquestral pela UNICAMP, SP; Mestrado em Teologia/Ministério de Música STBSB, RJ.

LINKS DE MUSICAIS

Musical Uma carta para você – 2017
<https://vimeo.com/248300600>

Musical Feliz Natal – 2016
<https://www.youtube.com/watch?v=wcwW1uo8sME&feature=youtu.be>

Musical Um novo coração no Natal – 2014
<https://youtu.be/gHA3S9qvyDc>



T E S T E M U N H O

Intercâmbio cultural Música nas igrejas dos EUA



DIEGO POMBO DA SILVA
Ministro de música na PIB em Iporá, GO

Essa foi a segunda turma de brasileiros que participou desse intercâmbio, promovido pela Dra. Shelly Mormam Sthalman, professora da faculdade metodista Lebanon Valley College, Pensilvânia, EUA.

No dia 10 de janeiro de 2018, os alunos brasileiros

partiram de suas cidades rumo a esse intercâmbio que durou 20 dias. Não pagaram pelo curso, e foram selecionados em uma lista de vários alunos. O que mais influencia na decisão desses alunos em sua ida é o interesse pelo ensino de música nas escolas e igrejas brasileiras. Dra. Shelly é um presente de Deus para todos os brasileiros. O empenho dela neste curso, o planejamento, a emoção que ela carrega e a esperança dela e melhoria para nosso país é algo que nos constrange, por muitas vezes a vemos durante esse intercâmbio nos ensinando a amar mais o nosso país, a duvidar menos de que as coisas podem melhorar, e que isso depende de nós também.

Aprendemos muito sobre a história da música na igreja, sobre as mudanças que têm acontecido nas igrejas americanas. Visitamos uma fábrica de órgãos de tubos que também restaura órgãos e harmônios. Visitamos igrejas, participamos de diversos cultos inclusive, cantando. Assistimos concertos de órgãos, piano, sinos. Assistimos aulas de educação musical em escola pública da educação infantil e também no ensino médio.

Fomos também na The Brooklyn Tabernacle, uma das igrejas que músicos brasileiros mais desejam conhecer por causa da enorme quantidade de música para coro que

utilizamos deles. Chegamos lá uma hora antes do culto matutino e aos poucos as pessoas vão chegando e lotando o templo que, na verdade, tem estrutura de teatro. A sensação que se tinha era de que as pessoas estavam presas em suas atividades e tivessem sido soltas por algumas horas, apenas para ir participar desse culto. Elas, então, davam tudo de si no culto, cantando, dançando, expressando a sua devoção ao Criador naqueles minutos, como se fosse a última oportunidade de fazê-lo. Não é possível expressar a emoção com as palavras.

Visitamos uma das primeiras igrejas americana. Fomos a Philadelphia, o local onde foi assinada a independência da América, lugares maravilhosos, cheios de história e música.

Estivemos na comunidade dos moravians, uma das religiões protestantes mais antigas. A influência mundial dos missionários da Morávia do século 18 foi extraordinária. Um exemplo notável é o impacto que eles tiveram em John Wesley, levando diretamente a sua experiência de conversão.

Em nosso grupo, pessoas de várias igrejas diferentes: batistas, adventistas, católicos e outras comunidades religiosas. No grupo ministros de música, filhos de pastor, filósofo, farmacêutico, compositores etc.

No retorno de nossa viagem, trouxemos três oitavas de sinos doados por uma igreja da Pennsylvania. Estes sinos viajarão o Brasil por temporadas em projetos sociais. Além de tudo narrado tivemos aulas quase diariamente no Lebanon Valley College, juntos aos alunos americanos, aulas de canto coral, aulas de pianos, aulas de órgão de tubos, aulas de canto, aulas de instrumentos Orff, aulas de violino, cello, sax etc.

No próximo ano, a Dra. Shelly pretende levar os alunos da primeira e segunda turma do intercâmbio. Não nos esqueçamos de orar e agradecer a Deus pela vida da Dra. Shelly e demais professores e diretores do Lebanon Valley College. Agradeço a Deus pela vida desta nossa “mãe” americana e nosso “pai” Randy, o esposo da Dra. Shelly, que cuidava de nós como filhos realmente, cozinhando e nos apoiando em tudo.

